



Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Maio de 1988

N.º 5

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos
Móveis Rossmark
Artur Fouquet
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Paul Fritz Kuehnrich
Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Maio de 1988

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

Comunidade Católica de Testos Salto - Notas — Pe. Antônio Francisco Eolin	130
Subsídios Históricos — Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff	133
Do Vale do Itajaí para a Amazônia e a França	135
Notas Sobre Imigração Polonesa — Maria do Carmo R. K. Goulart	138
Relatório de atividades do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva — 1.º trimestre de 1988	140
O drama que viveram alguns colonos alemães em São Paulo ...	143
O Surgimento de Blumenau	144
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	147
A presença do negro na região de Blumenau — Sueli Maria Vanzuita Petry	
Figura do Presente — João Carlos Frederico Wilmsen — José Gonçalves	154
Aconteceu... — Abril de 1988	157
Os auxiliares do Dr. Blumenau, biografados por José Deeke ...	159

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 200,00 + 50,00 (porte) = 250,00
Número avulso Cz\$ 25,00 — Atrasado Cz\$ 50,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 500,00 + 200,00 (porte) = 700,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Comunidade Católica de Testo Salto - Notas

Pe. Antônio Francisco Bohn

Nenhuma comunidade se constrói sem esforço, dedicação e empenho dos membros que a compõem. A de Testo Salto não poderia ser diferente. E, cabe à história registrar os fatos acontecidos para que não se perca o passado, herança dos que aqui residiram, trabalharam e construíram o progresso material e espiritual.

Foi com a fundação de Blumenau a 2 de setembro de 1850 que muitos alemães vieram com seus sonhos e esperanças, sua tenacidade e força de trabalho, enriquecer com suas presenças este vale. Muitas famílias subiram a margem esquerda do Itajaí-Açu e se radicaram na região de Testo Salto, nas décadas de 1880-90 e posteriores. Famílias como as de Christow Burckhardt, Philipp Bauler, Ernst Meisen, Kienen, Buettgen e muitas outras de igual importância. Adquirindo lotes às margens do Rio do Testo, sendo colonos experimentados pelo conhecimento prático, começaram a cultivar a terra virgem e fértil dessa região.

Tradicionalistas famílias evangélicas luteranas estabeleceram-se nessa mesma época em Testo Salto, como as de Johann Karsten, fundador da Companhia Têxtil Karsten, e outras mais: Buhr, Findeiss, Raduenz, Koch... Tendo um único Deus, animados pela fé, coragem e determinação, católicos e luteranos trabalharam ombro a ombro, sol a sol, harmonia religiosa digna de exemplo. O atendimento religioso às comunidades luteranas era mais constante, sendo que o mesmo não acontecia com as católicas. (1)

Os esforços para participarem da missa eram enormes para os católicos: a pé ou a cavalo, numa distância de mais ou menos 18 km, através de picadas, em meio aos constantes perigos da mata. Muitos, aproveitando também o tempo para outros afazeres, visitas, compras, saíam de casa aos sábados à tarde, pernoitavam no Josef-Haus, para na manhã seguinte participarem (assistirem) da missa e depois retornarem. Ida e volta custava tempo, esforço físico e perigos: a mata virgem, animais, selvícolas, chuvas que faziam subir o nível do Testo e Açu.

Existia naquela época, no atual município de Pomerode, 12 km Testo acima, uma capela muito rústica, dedicada a São Ludgero (2), atendida pelos padres franciscanos de Blumenau. O trajeto, de igual forma, era extremamente penoso. Mas, para lá também acorriam os católicos de Testo Salto até 1927 (3) para participarem dos ofícios re-

(1) Artigo de Rudolf Hornburg sobre o Centenário da Igreja Evangélica de Testo Salto em "Pomerode, sua História, sua Cultura e suas Tradições, fasc. 3, pág. 29.

(2) Ver o artigo do autor, "Comunidade Católica de Pomerode-Notas" em Blumenau em Cadernos, n.º 11-12/87, pág. 350.

(3) A capela de Testo Salto foi inaugurada em 1927.

ligiosos. A capela, primitivamente construída de palmitos desapareceu com a grande enchente de 1880. Ao lado desta, já existia um antigo cemitério para uso da comunidade. (4)

A primeira tentativa de se construir uma capela em Testo Salto foi feita pelo Sr. José Burckhardt (filho de Christow Burckhardt) que em 1926 ofereceu uma área que servisse à construção. Convocada uma reunião entre os moradores a maioria não concordou com a proposta, devido a situação do terreno. Credo que, no futuro o centro da região povoada seria mais abaixo do que o núcleo populacional da época e, portanto a construção de uma capela naquele local não atenderia as necessidades, houve a desaprovação da idéia.

No mesmo ano de 1926, a família de imigrantes, Sr. Andreas Noering, sua esposa Maria Auffenberg e seus oito filhos (imigrado em novembro de 1923, procedente da Alemanha, secretário da estação ferroviária de Hannover) radicou-se em Testo Salto. Católico praticante, animado pela sua convicção religiosa, o Sr. Andreas acostumado a participar da missa todos os domingos, sentiu logo as dificuldades locais, principalmente sob o ponto de vista religioso. A pé, fez diversas visitas ao centro de Blumenau expondo suas idéias ao então vigário, Frei Marcelos Baumeister. Desaconselhado, pelas precárias condições financeiras dos moradores, mesmo assim não perdeu o entusiasmo e o firme propósito que havia proposto. Resolveu então, no início de 1927, comprar com suas economias, um lote de propriedade do Sr. Adolf Prochnow, no valor de 500 mil réis e doá-lo, em seguida, à comunidade.

Percebendo que havia pouca ajuda, resolveu ele mesmo, juntamente com seu filho Frederico, de 7 anos, dar início à construção existente hoje, utilizando as rudimentares ferramentas de que dispunha. Sua atitude foi o bastante para incentivar os outros moradores, pois viam claramente que o Sr. Noering estava convicto de sua idéia de construção. Realizada nova reunião e organizado o grupo pró-construção, foi fixada a data de 19 de novembro de 1927 para o lançamento da pedra fundamental, o que na realidade aconteceu.

Contratado o engenheiro responsável pela obra, a pedido dos moradores, a capela deveria ser construída em forma de cruz (kreuzkirche). Frei Gabriel Zimmer foi encarregado pelo vigário para supervisionar toda a construção. A comunidade então, como em muitas outras ocasiões, pode reunir-se em torno de um objetivo comum. O antigo sonho de um atendimento mais freqüente dos ofícios religiosos começava a tomar forma. A construção da capela era esse sinal visível e concreto do empreendimento. Assim, em homenagem ao Sr. José Burckhardt, por ter sido o primeiro mentor da idéia de construção, a capela foi dedicada a São José, padroeiro dos trabalhadores.

No livro de Atas da Capela, no ano de 1964, José Heinz Noering levantou boa parte dos dados, junto a pessoas que participaram diretamente na construção da capela como os Srs. Nicolau Burckhardt,

(4) Em 1877, o Pe. José Maria Jacobs benzeu esse cemitério.

Alfredo Kienen, Henrique Noering Filho, Paulo Burckhardt, Leopoldo Kienen.

Desde a construção até 1951 não se tem dados precisos sobre os acontecimentos gerais da capela. É possível que tenham sido destruídos por falta de garantias durante o conflito mundial. Sabe-se porém, que as principais festas eram organizadas pela paróquia de Blumenau (São Paulo Apóstolo) sob a responsabilidade de um religioso conhecido como Irmão Saturnino. Prendas e mercadorias eram trazidas do centro para a festa da comunidade. O interesse e acompanhamento dos franciscanos continuou pela presença de inúmeros religiosos que atenderam essa capela nas pessoas dos freis Gabriel, Agnelos, Elias, Lucas, Rafael, Ernst, Odo, Protásio, Joaquim, Pachalis, Roberto, Bráz, Lúcio, Theóphilo e muitos outros.

Para aumentar o interesse e a participação religiosa dos fiéis foram realizadas missões nos anos de 1932, 1936 e 1948. São inúmeras as famílias que conservam fotografias da época e uma farta bagagem de histórias e estórias a respeito do assunto.

A primeira festa patronal, realizada sob os cuidados da própria comunidade aconteceu aos 25 de abril de 1965 e foi organizada pelos seguintes festeiros: Adolfo Kienen e Sra., José Schmidt e Sra., Fausto Dalpiaz e Sra., Osiúdio Correa e Sra., Erwin Barbetta e Sra. A diretoria participou ativamente. De acordo com o livro de Atas, a festa transcorreu num clima de muita amizade e alegria, o que não ocorria nos últimos anos. Todos os festeiros se empenharam ao máximo e o resultado esteve acima do esperado. A música foi realizada através de alto-falantes, canções previamente gravadas das bandas: Trem de São Bento, São Pedro, de Gaspar.

Em 1965, com a criação da paróquia São Ludgero, em Pomerode (5), a comunidade e capela de Testo Salto passaram a ser atendidas pelo então primeiro vigário Pe. Ernesto Preti. Em 18 de julho de 1965 foi recebido festivamente pela comunidade que, após tantos anos de trabalhos merecia um atendimento mais constante e próximo das necessidades pastorais.

Em 1985, a capela foi oficialmente reintegrada, após uma reforma completa, mas que manteve as linhas originais como também a forma de cruz, sonhada pelos nossos católicos de Testo Salto.

(5) O pedido oficial para a criação da paróquia de Pomerode foi feito pelo Frei Francisco Freise aos cinco de maio de 1965. O decreto de criação data de 03 de maio de 1965.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Subsídios Históricos

Cordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos da carta publicada a 3 de março de 1866 no "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), relativa aos voluntários da Guerra do Paraguai:

H. — A bordo do Araguari, 11 de janeiro de 1833.

Não há nada de novo. Só que anteontem trouxeram 150 paraguaios presos pelo General Flores. . .

O pagamento do soldo é muito irregular e importa em 90 Réis de pré, 300 Réis de bonificação de voluntário, 100 Réis de soldo da Marinha, 400 Réis de etapa, ao todo 890 Réis. Descontando 400 Réis pelo sustento, sobram 490 Réis, dos quais facilmente cada um pode depositar mensalmente 12\$000 Réis para a família. O soldo dos sub-oficiais, descontadas todas as despesas, importa em 22\$000 Réis, dos sargentos em 29\$000, dos alferes em 40\$000. Além da alimentação todos os homens recebem ainda fumo e charutos. Em Corrientes tudo é muito caro, com exceção do vinho Bordeaux, que é relativamente barato, uma dose pequena de cachaça custa 200 Réis, um quarto de melão 400 Réis, uma libra de café 4\$000 Réis, uma libra de açúcar 2\$000 Réis, etc.

No dia 9 de janeiro chegaram os 88 artilheiros alemães, voluntários, da província do Rio Grande do Sul. Eles esperavam canhões novos em bom estado — mas como ficaram decepcionados! São canhões do século passado só transportáveis em boas estradas, mas não aqui, onde às vezes se passa submerso até o pedaço pela água dos rios e pela lama. . .

Não se pode falar em ataque, senão daqui a 6 a 8 semanas. A esquadra está ainda incompleta e também falta completar o total das tropas, que atualmente se compõem de 50.000 homens e devem alcançar o total de 80.000.

Estamos a uma hora de viagem de Passo da Pátria. Os argentinos estão mais próximos do Passo, onde Lopes está entrincheirado, com inúmeras baterias e se quisermos passar, temos de nos conservar à distância de 150 passos. O exército de Lopes, que defende a margem do Paraná, se compõe, segundo informações, de 30 batalhões de infantaria, cada um com seis companhias de 104 homens e de doze regimentos de cavalaria de 600 homens cada. Toda a margem está bem fortificada e repleta de canhões de calibre pesado.

Lopes mandou colocar dentro das águas do rio Paraguai, pelo engenheiro americano Bell, grande número de bombas, a fim de explodir a esquadra brasileira. Estes explosivos estão ligados à margem, por meio de fios elétricos. Uma experiência feita com um navio sem préstimo, já demonstrou a eficácia. Quando o navio bateu no fio deu-

se terrível explosão, o navio foi lançado para os ares e completamente destruído. Em Passo da Pátria, Humaitá e Assunção, Lopes mandou colocar inúmeras minas. Na capital Assunção, todos os edifícios oficiais estão minados.

Excertos da carta publicada a 24 de março de 1866 no "Kolonie-Zeitung"; A bordo do Araguari, 25 de janeiro

Ainda continuamos no porto de Corrientes, à espera dos encouraçados, dos quais até agora só chegou o Tamandaré. Aqui se encontram 11 navios brasileiros e dois navios de guerra argentinos. Quase diariamente chegam novas tropas, munições e aparelhagens de cerco, de todas as espécies. Mas, parece-me que não atacaremos tão cedo. Se esperarmos a chegada dos navios de guerra encomendados em Lisboa, na Inglaterra e na América do Norte, o nível da água do rio baixará tanto, que a esquadra precisará retroceder.

O exército aqui no Passo se compõe de 54.000 brasileiros, 16.000 argentinos, 6.000 uruguaios e 2.000 correntinos. Além disso, a esquadra tem uma tripulação de 84.000 homens, armados de 70 canhões, 40 peças de artilharia de campanha e grande número de morteiros de diversos calibres. Neste preciso instante está entrando um pequeno navio à hélice argentino, com quatro canhões.

Primeiro de fevereiro: No dia 29 houve um ataque dos paraguaios. Segundo uns, eram 5.000 homens que pisaram a margem do rio, dos quais tombaram 2.600. Segundo outros, foram 3.000 os atacantes e o número de mortos alcançou 1.600 homens e os prisioneiros e os massacrados posteriormente, são em número de 600...

A fuzilaria se transformou em combate à baioneta e à faca. Daí o grande número de mortos...

22 de fevereiro: Ontem chegou o Almirante Tamandaré e um navio de guerra, o Parnaíba, mas dos esperados encouraçados nem sinal. Hoje às três da madrugada, chegou também o General Flores. É possível que com isso a luta, enfim, comece. Os donafancisquenses estão todos bem, exceto von der Osten, que teve que ser removido para o hospital. Até agora não tivemos notícias de Dona Francisca. Se as famílias dos voluntários ainda não receberam dinheiro, é porque nós ainda não recebemos soldo nenhum, mas não reina desconfiança. A Marinha há quatro meses não recebia e agora veio tudo de uma só vez. Lembranças a todos os amigos e conhecidos dos voluntários de Dona Francisca.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Do Vale do Itajaí para a Amazônia e a França

Romances da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Já comentei várias vezes o empenho com que José Gonçalves se dedica à criação literária. Não fosse senhor de persistente tenacidade, não teria logrado publicar até o momento cinco narrativas longas no campo da ficção, sem desenraizar-se da realidade. Aliás, José Gonçalves é escritor que já definiu claramente as coordenadas fundamentais de seu universo literário pessoal: primeiramente, destaca a sincera simplicidade com que ele encara e retrata a realidade, sem subterfúgios, duplas intencionalidades ou sofisticções vazias; sua ficção nunca envereda pelo imaginário puro e ilusório, mas permanece estreitamente vinculada ao histórico-social; esse histórico-social particulariza-se carinhosamente na sua região natal, resgatando e valorizando sempre o homem e a paisagem do Vale do Itajaí, centralizando o foco em Indaial; sua criação literária visa sempre, e acima de qualquer outro valor, a um humanismo profundo e sadio, que faz emergir de personalidades autênticas um sólido e construtivo convívio social.

Essas características, que se firmaram ao longo da composição de seus vários livros, revestem explicitamente *O PILOTO E A RAINHA* (Blumenau, Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1987), seu mais recente trabalho. Essa novela evidencia sobretudo a desenvoltura de estilo e a fluência narrati-

va com que se foi enriquecendo José Gonçalves.

O enredo de *O PILOTO E A RAINHA* denuncia claramente seus vínculos com o real: o protagonista, tenente aviador Maurício Barth, é natural de pequena localidade do médio Vale do Itajaí e participa decisivamente no processo de afirmação da força aérea brasileira, nas décadas de 1920-1930, além de estabelecer uma ponte desbravadora com o fascinante mistério da floresta amazônica. A personalidade do tenente Maurício sintetiza o caráter humanista; sua determinação, empenho, responsabilidade, contagiante otimismo, força de decisão e de vontade comprovam como o sucesso não é gratuito mas decorre como consequência natural do esforço dedicado e persistente. Além disso, homem de caráter, é responsável e sincero, tem sentimentos humanos e filiais que o tornam benquisto no convívio de todos.

Pois esse tenente Maurício, que construiu sua carreira unicamente dentro do entusiasmo responsável, vive nessa novela uma aventura fascinante na floresta amazônica, aventura que de certo modo surpreende, devido ao caráter inflexível do herói, mas que ao mesmo tempo faz refletir sobre o sentido da nossa "civilização", quando vista em paralelo ao universo puro e espontâneo dos indígenas. Os dramas sentimen-

tais, profissionais, técnicos e de consciência enfrentados por Maurício são revividos pelo leitor, que se sente fascinado pelo herói, envolvido pelos laços do amor. E a narrativa não apenas nos engaja na aventura, como também se plenifica em mensagem que desperta a reflexão sobre o comportamento humano, o sentido e a razão dos nossos atos, o mistério das relações interpessoais.

A técnica da narrativa, sem pretender estruturas sofisticadas, busca expressões novas, na medida em que o relato nos faz acompanhar o presente do protagonista em seu vóo pela vastidão amazônica, entremeando-se o resgate do passado, que emerge da matéria de memória. E o final da narrativa nos instala dramaticamente no próprio fluxo imediato da consciência do tenente, agora irresistivelmente atraído por Huanna, rainha do novo reino que ele decide adotar definitivamente. É convém ressaltar o surpreendente dessa decisão de Maurício, personagem tão transparente e definitivamente plana, que de repente assume o dinamismo da pluridimensionalidade. Assim, O PILOTO E A RAINHA se reveste inegavelmente de valores literários que recomendam sua leitura e, por que não, sua adoção em escolas.

* *

Pela mesma Fundação "Casa Dr. Blumenau", que vem dinamizando auspiciosamente sua função de editora, foi publicado mais outro romance nascido no Vale do Itajaí: A FORÇA DO BERÇO, da também indaiialense Apolônia Gastaldi. Após muitos anos dedicados ao magistério, em todos os graus de ensino, essa descendente

de múltiplo sangue europeu, também mesclado com indígena, encontrou seu porto de descanso na criação literária, tendo publicado já diversos poemas e esse romance.

A princípio a construção do enredo de A FORÇA DO BERÇO apresenta uma certa estranheza ao leitor, que se desorienta pela focalização da narrativa, ora contada em terceira pessoa, ora em primeira. Aos poucos, no entanto, o leitor vai entrando na trama, e muito sutilmente se identifica com o processo de investigação/construção narrativa.

De modo geral, a técnica narrativa foi muito bem empregada, dentro das intenções com que a narrativa foi escrita. Talvez possa afigurar-se um tanto estranho e distanciador o fato de a história localizar-se em regiões da França e não do Brasil. Contudo, a justificativa pode residir no tipo de enfoque dado aos costumes, tradições e caráter da linguagem protagonista: a família Wolfgang. A adequação da técnica narrativa decorre do fato de acompanhar-mos o desvendar dos fatos a partir da focalização de uma personagem: Stelle. A situação é a seguinte: Stelle recebe de herança, e com missão de governá-las, extensas propriedades de sua tia Isolde, que acaba de falecer. Stelle então se instala no Paradis e vai, aos poucos, tomando pulso da realidade, desvendando fatos e relações, desfazendo suposições e mistérios.

Tudo vai sendo gradativamente dominado por Stelle, que deve inclusive respeitar essa graduação, estabelecida no famoso "Livro Verde" das instruções deixadas por Isolde. Apolônia Gastaldi,

hábil e sutilmente, lança o leitor juntamente com Stelle para dentro desse universo novo e complexo, que desorienta e instiga. Então, com naturalidade, se passa a conviver com inúmeras personagens que não foram previamente apresentadas. E o enredo vai-se complexificando, com essa rede entrelaçada de personagens, envolvidas umas com as outras, "enredando", verdadeiramente o leitor numa trama misteriosa de que quer sair.

Stelle, aos poucos, sente-se instigada por descobrir semelhanças entre personagens, por desvendar razões por que elas se encontram trabalhando na propriedade: Genar, Demian, Julian, Madeleine e Pierre, Simon, Frederic — são personagens que conduzem à investigação. E instaura-se um certo clima de investigação policial muito discreta, que vai retornar às gerações anteriores (aqui a narrativa se torna mais onisciente, em terceira pessoa), restabelecendo o passado da tia Isolde e sua irmã Sibille. Ludibriando a irmã, Isolde casara-se com Frederic e entrou a fazer parte da família Wolfgang. E as investigações vão revelando os dramas vividos pelos dois, pois Frederic mantinha variados relacionamentos, espalhando descendentes, que vão clareando as dúvidas de Stelle. E a revelação mais surpreendente se relaciona com a própria Stelle, não simplesmente filha da irmã de Isolde.

A FORÇA DO BERÇO é romance construído sobre essa estratégia de investigação e de desvendamento de laços e relações. Basicamente o "Livro Verde" serve de guia, mas Stelle por vezes se adianta às informações, desafia os retratos dos antepassados, busca mais do que sua face social: "a alma, as emoções, os sentimentos" (p. 139). Assim, de lance a lance, aos poucos a rede de personagens e relações vai-se clareando, assumindo cada qual a sua identidade, origem e função nesse complexo jogo de xadrez por baixo dos panos.

A narrativa se desenvolve em ritmo lento, calmo, guiada pela sensibilidade feminina. Harmonioso, lírico no enfoque da natureza, ressaltando a ternura nos relacionamentos, o relato instaura com frequência a atmosfera de mistério que instiga à pesquisa. E no jogo aberto desse universo ficcional, o leitor também poderá fazer seus lances.

Enfim, é surpreendente a segurança com que Apolônia Gastaldi arma todo esse jogo narrativo de A FORÇA DO BERÇO. Liberta de cronologias, fugindo da tradicional apresentação das personagens logo bem delineadas, armando uma polifonia de vozes na focalização dos acontecimentos, Gastaldi cria um romance moderno e envolvente.

Lauro Junkes

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

NOTAS SOBRE IMIGRAÇÃO POLONESA

Maria do Carmo R. K. Goulart

Conforme o livro da Agência de Colonização Geral e Terras, 2.º Distrito 1, há o registro de poloneses entrados nos anos de 1888 a 1890 e suas respectivas linhas coloniais. No braço esquerdo e direito do Ribeirão Lageado Grande, em Potro Franco, foi assentado o colono Miguel Zabelski — nome que é citado na carta de um imigrante, Estanislau Sabelski que de Brusque escreveu aos seus pais a 15/03/1891 2.

Pelo teor e por ser tão raro encontrar correspondência dos imigrantes que ateste a vida àquela época e com testemunho pessoal de sua experiência, reproduzimos a carta na íntegra:

“ESTANISLAU SABELSKI DE BRUSQUE, SANTA CATARINA PARA OS PAIS (ENDEREÇO DESCONHECIDO). 15/03/1891.

Dia 15 de março de 1891.

Ao adentrar a casa dos queridos pais, louvado seja N. S. Jesus Cristo. Vosso Filho Estanislau Stabelski. Estou com boa saúde, graças a Deus, o que também vos desejo de todo o coração. Viemos ao Brasil com saúde, viajando por águas durante 22 dias até o Rio de Janeiro, primeira cidade brasileira. Ali paramos dois dias, descansando e depois 4 dias para chegar a Santa Catarina. Trabalhei durante 4 meses na construção de estradas, ganhando um mil e trezentos réis por dia. Recebi 120 morgas de terra, só mato, com árvores enormes. O trabalho é pesado. Aqui entre nós no Brasil, faz muito calor, assim como lá em plena colheita de trigo. É possível dormir, desde que a gente não se cubra com nada.

Querido pai, não existe nenhuma escravidão. Cada pessoa é livre. O calor é permanente, querido pai. Estou com saudades de vocês. Se quereis, podeis vir para cá. Querido pai, toda a família poderá viver bem na minha propriedade. Aqui cresce o arroz, o milho, a cevada, o trigo e o centeio são vigorosos, bem como toda sorte de verduras: cenoura, beterraba, nabo, salsinha, cebola, numa palavra tudo. Em nossa região ainda não há trigo vigoroso, nem centeio, nem batatinha européia. Crescem limoeiros, laranjeiras e café. Mas tudo tem que ser plantado. Cresce cana-de-açúcar, de que se fabrica cachaça, vinagre e açúcar. As igrejas são poucas. Se alguém deseja fazer a confissão, dispense quatro dias de ida e volta. A capela acha-se distante quatro léguas. Há muitas capelas. Os ganhos parecem bons, mas a vida é cara. Se a família for grande, não se consegue manter, porque o custo de vida é alto.

Se desejais vir, não desperdiceis ferramentas agrícolas, bem como cepilho, formão e veruma. Levem todas as ferramentas consigo. Levem tudo o que puderem de roupas de cama, camisas, roupas de ve-

rão, sapatos, o mais que for possível. Junto comigo estão Miguel Sabelski, Marusieski, e Falkoski, bem como o ferreiro Antônio Leszczyszyn.

Despeço com minha mulher, querido pai (—). Cresce a parreira. Peço-vos, querido pai, que responda quanto antes, se virão ou não. Viajamos pelas águas muito bem. Da cidade de Brusque levaram-nos para uma grande selva. Tivemos que perambular muito até chegar a vida estável. Querido pai, para quem vai bem na Polônia, ficará bem no Brasil. Pode-se criar porcos, gado, galinhas, marrecos à vontade. A batata de porco basta plantar uma vez e terá para sempre. No Brasil crescem cogumelos nas árvores, mas tais que é necessário cortar a machado. Quem mais partiu de Lesku a Zerardów para o Brasil?

Despede-se vosso filho, com sua mulher Estanislava Sabelski. Despedem-se Miguel Sabelski e Falkoski com sua mulher, bem como Maruszewski com sua mulher.

Fique com Deus, querido pai. Não fornecem passagem de volta de forma alguma. Deveremos receber 200 mil réis como ajuda para a propriedade. Um mil réis equivale a 8 "zlotes" vossos. Despedem-se todos os que ficam no Brasil com suas famílias (—). A primeira sementeira faremos em nossa propriedade no mês de agosto. Quando estiverem embarcando em Bremen para o mar, levem também quatro broas de farinha preta, vinagre, duas garrafas de essência, 6 libras de açúcar, chá (—), levem gente boa que transportarão vossas bagagens pela fronteira até Dziadwa.

Endereço: Brasil, Província de Santa Catarina, Brusque, S.S.M., dia 15 de março de 1891. (S.S.M., provavelmente significa Stanislaw Sabelski e H, primeira letra da esposa — anotação do autor).

Adentro a casa dos queridos pais.

Louvado seja N. S. Jesus Cristo.

Queridos pais, por graça de Deus, estou com saúde, juntamente com minhas crianças. O filho que Deus me deu tive que entregar para ser criado por outros. Envio-vos notícias tristes, queridos pais. Mariana, minha esposa querida e vossa filha, separou-se de nós. Teve ao todo nove dias de doença e faleceu no dia 9 de novembro. No final de sua vida pediu orações pelo descanso eterno e uma Ave Maria. Que o Pai e a Mãe não esqueçam sua alma. A vossa filha Ladislava permanece ao lado do cunhado, graças a Deus com saúde, o que também vos deseja de todo o coração. Ladislava beija os queridos pais, irmãs e irmãos queridíssimos. Marian pediu-vos, queridos pai e mãe Santa Missa e lembrança anual durante os três anos seguintes. Recebi 120 morgas de terra no Brasil. Miguel Sabelski, vosso genro Lourenço Lypka, mandam lembranças aos Czerwinski em Biegienice Górskie, Josefina, mulher de Kucinski de Clanin manda lembranças para o tio. Mariuzinha escreve para a vovozinha e vovozinho as primeiras palavras, beija vossas mãos e despede-se. Fiquem com Deus, Maria Sobelska. Despeço-me de Vós, queridos pais.

Miguel Sabelski

Dara Sarnowo, dia 15 de março de 1891.

Queridos pais, adentro vossa casa, louvando N. S. Jesus Cristo.

José, vossa filha amadíssima e João Marusienski, genro. Comunico-vos que estamos com saúde, graças a Deus Supremo, o que também vos desejamos, segundo pedis a Deus. Queridos pais, comunico-vos que morreram Estanislava e Josefa, quatro dias depois que morreu a senhora Szebelski. Josefa faleceu há duas semanas e Estanislava há quatro dias.

Queridos pais, mando-vos lembranças. Vicente e Francisco estão com saúde, graças a Deus. Querida mãe e querido pai, estamos bem de saúde o que também vos desejamos, por graças de Deus. Cumprimento a toda a família, esteja ela onde estiver. Peço-vos, queridos pai e mãe, que entreguem esta carta ao meu irmão Adão Maukusiewski. Mando lembranças a Balduiva, minha irmã e peço-te, querido irmão, entregar a ela esta carta. Quanto a minha situação, não quero dizer nada, comunicarei mais tarde. Queridos pais não esperem de mim carta alguma, até que esteja em melhor situação, então escreverei.

João Streiesky e Mariana Strojiska

Quando escreverem carta para mim, mandem-me toda sorte de sementes, todas que possuírem de primavera. Que toda a família fique com Deus. Queridos pais, fiquem com Deus. Ganhei tanta terra que durante toda a minha vida não terei condições de usar. Mando-te lembranças, Estanislau Sabelski e Inácio Salezy seu irmão.

Os nossos endereços são estes:

Ao cidadão Estanislau Saberski, Estado de Santa Catarina, Itajaí, Colônia Brusque, Brasil”.

(O endereço está escrito com outra tinta e grafia — anotação do autor).

1 — Arquivo SAB.

2 — Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa. Gráfica Vicentina, 1977. Volume VIII — Curitiba.

Fundação “Casa Dr. Blumenau”

ARQUIVO HISTÓRICO PROF. JOSÉ FERREIRA DA SILVA

Relatório de Atividades do Arquivo, no Trimestre

JAN/FEV/MAR — 1988

Com o objetivo de divulgar para o grande público os trabalhos que vêm sendo desenvolvidos pelo AHJFS, registramos, sob a forma de relatório, a documentação processada, os projetos de pesquisa e as múltiplas prestações de serviço que a instituição tem oferecido à comunidade, no decorrer do primeiro trimestre de 1988.

I — ARQUIVÍSTICA

1.1 — FUNDO MUNICIPAL: Assessoria de Planejamento

- Série: Projetos Arquitetônicos 1977/1979
- 1.2 — Fundo Particular
 José Ferreira da Silva
 Série: Correspondência
 Esta série vem recebendo um tratamento paulatino pelo volume de cartas.
- 1.3 — DOCUMENTO AUDIOVISUAL
 Foram registrados até o momento, 1.000 discos. Os trabalhos de processamento técnico vem ocorrendo de acordo com as disponibilidades dos funcionários que remetem a informação por autor, título, intérprete e ritmo musical. Foram processados 595 discos.
- 1.4 — DOCUMENTO ICONOGRAFICO
 Os trabalhos de reorganização da fototeca estão em fase de conclusão. O acervo recebeu nova dinâmica de guarda e classificação. A próxima etapa será o processamento técnico das mesmas.
- II — DOCUMENTOS DE GUARDA
- 1 — Secretaria de Turismo
 12/jan/88 — Guias, Folhetos, Revistas referentes a Oktoberfest — 86-87.
- 2 — Frederico Kilian
 15/jan/88 — Fotografia (1) Escola Nova
- 3 — Gabinete do Prefeito
 15/jan/88 — Revistas (14)
- 4 — Assessoria do Meio Ambiente
 18/fev/88 — 40 encadernações — 42 pastas com assuntos relacionados ao meio ambiente em Blumenau/Vale do Itajaí e Santa Catarina.
- 5 — Curt W. Hennings
 22/fev/88 — Köhlers Flotten Kalender — 18 vol. 1934/84.
- 6 — Ursula Ionen
 22/fev/88 — 35 exemplares de Convites, programas diversos do Ballett Maria de Caro.
- 7 — Rudolfo Thomsen
 05/mar/88 — Kalenders (três) 1
- 8 — Helmuth Leyendecker
 22/mar/88 — Fotografias de Florianópolis (2)
 1 programa de Culto Evangélico (1957)
- 9 — Norberto Koffke
 28/mar/88 — Albuns contendo discos (13)
- 10 — Prefeitura Municipal
 Assessoria de Planejamento
 30/mar/88 — 8 maços de projetos arquitetônicos
 Processos 222 a 230
 Projetos microfimes n.ºs: 272/75 - 277/79
- III — PESQUISAS
- 3.1 Consulentes
 221

IV — PESQUISAS INSTITUCIONAIS

- 1 — VEGINI, Edmundo
Instituição: UFSC
Pesquisa: Imigração no Vale do Luiz Alves — 1877-1910
Finalidade: Pesquisa.
- 2 — SCHOENLEIN, Norberto C.
Instituição: Faculdade de Ciências Biológicas Araras
Pesquisa: História de Blumenau
Finalidade: Pesquisa Pessoal.
- 3 — FISCHER, Monika
Instituição: Universidade de Heidelberg
Pesquisa: História do Vale do Itajaí
Finalidade: Monografia.
- 4 — MEIER, Beat Richard
Pesquisa: Suíços em Santa Catarina
Finalidades: Estudos.
- 5 — GOULART, Maria do Carmo.
Instituição: UFPr.
Pesquisa: Imigração Polonesa
Finalidade: Estudos.
- 6 — FISCHER, Giovana
Instituição: UFSC
Pesquisa: Os reflexos da II Guerra Mundial em 81.
Finalidade: Monografia
- 7 — CRISTELLI, Nessi
Instituição: FURB
Pesquisa: Planejamento Bibliotecário
Finalidade: Estudos
- 8 — SCHLOSSMACHER, Andréa
Instituição: FURB
Pesquisa: Arquitetura
Finalidade: Estudos
- 9 — GELHARDT, Dinaê S.
Instituição: FURB — CEP-II
Pesquisa: A imigração Portuguesa em Santa Catarina
Finalidade: Monografia
- 10 — BACCA, Laurc Eduardo.
Instituição: Fundação Teófilo Zadrozny
Pesquisa: Reflorestamento
Finalidade: Estudos

V — PALESTRAS E VISITAS ORIENTADAS PROPORCIONADAS PELO ARQUIVO

- 5.1 — Palestra sobre Blumenau Colônia 1850/1880 para a Câmara Júnior de Blumenau (03/mar/88)
- 5.2 — Palestra "O Município de Blumenau Evolução Administrativa" para Alunos do primeiro semestre do Curso de Administração.
- 5.3 — VISITAS:
 - . Alunos do Curso de Biblioteconomia da FURB — 02/mar/88
 - . Associados da Câmara Júnior de Blumenau — 03/mar/88
 - . Professores da Escola Estadual Adolfo Konder — 25/fev/88

- . Dr. Werner Haenold — Embaixador da DDR no Brasil
 - . Hans Dieter Beuthan — Cônsul junto ao Escritório Comercial em São Paulo. DDR
 - . Dieter Herrmann — 1.º Secretário da Embaixada da DDR.
- VI — BIBLIOTECA DE APOIO
- . 31 livros deram entrada ao acervo bibliográfico.
-

O drama que viveram alguns colonos alemães em São Paulo

Vigorosa advertência de Wilhelm Schaeffer àqueles que planejavam ir para aquele Estado trabalhar nas grandes fazendas do século passado

“Aos colonos com vontade de emigrar para a Província de São Paulo, para ali se empregarem nas fazendas de café, comunico o seguinte:

Eu, o abaixo assinado, morei por 4 anos naquela Província, principalmente na cidade de Campinas — conhecendo profundamente a região e as fazendas de café lá instaladas. Tive muitas oportunidades de falar com os colonos de lá, conhecendo assim a triste condição em que muitos deles viviam. Denuncio aqui somente alguns casos, mas coloco-me desde já à inteira disposição de todos os interessados em maiores informações:

- Os colonos não são donos de suas terras, mas são simplesmente obrigados a cultivarem as parcelas de terras que lhes são indicadas pelos senhores donos das fazendas.
- São obrigados a pagar juros exorbitantes pelo dinheiro emprestado de seus patrões, mesmo se estes atos não constam de seus contratos.
- Os colonos que não pagarem as suas dívidas ou apresentam queixas contra seus patrões, não podendo ou não querendo mais trabalhar para eles, serão jogados na cadeia, obrigando-os assim a cumprirem os compromissos assumidos. Infelizmente estas injustiças já aconteceram por muitas vezes.
- A fim de evitar estes incidentes, o governo alemão colocou estes colonos sob a proteção de seus consulados.
- Em Campinas e regiões adjacentes, não serão mais fechados quaisquer contratos, sem a presença do Cônsul alemão.
- Os contratos fechados aqui, não poderão ser anulados por nenhuma autoridade do Brasil inteiro. Assim as pessoas que assinam aqui um contrato, poderão cair na maior das desgraças, simplesmente pelo fato do desconhecimento e de ignorância destas pessoas.
- Pessoas com a intenção de emigrar eu aconselho — antes de assinarem qualquer contrato — entrar em contato com o cônsul alemão daqui, pois este poderá dar informações mais seguras do que a gente que vem de São Paulo, para aqui recrutar colonos em benefício próprio.

Blumenau, 21 de novembro de 1876.

Wilhelm Scheffer”.

(Tradução do alemão: 8.3.1988 — Alfredo Wilhelm)

O SURGIMENTO DE BLUMENAU

Em plena 2.^a Guerra Mundial, quando as tropas do 3.^o Reich estavam prontas a entrar em Moscou, a revista o Serviço de Educação da Juventude Alemã, em sua edição de abril de 1941, publicou o seguinte artigo:

“O Dr. Blumenau estava em plena campanha de alistamento de emigrantes alemães para o Estado de Santa Catarina no Brasil. Desde o início o Dr. Blumenau se esforçava para não enganar os candidatos: Não era uma alegre aventura romântica à espera deles, mas sim uma luta dura e que por certo não terminaria sem pesados sacrifícios. Queria ele ir na frente como um verdadeiro guia — sabendo das privações que no início seriam inevitáveis. Terras próprias com ricas frutas seriam a recompensa. Liberdade e independência para todos.

Foi com a apresentação de somente 17 emigrantes que queriam arriscar-se a viajar com ele para o Brasil, que o Dr. Blumenau sofreu a sua primeira decepção. Após a malograda revolução de 1848, a grande leva de emigrantes dirigiu-se para a América do Norte. Foi lá que eles esperavam encontrar liberdade e riqueza, terminando porém milhares de vezes na mais profunda pobreza. O Dr. Blumenau sabia, que as cidades norte-americanas bem cedo iriam engolir os alemães, que por sua vez esqueceriam as suas tradições alemãs. Mas ele é que queria construir uma comunidade, que preservasse a sua índole nacional.

Foi como areia escorregando pelos seus dedos, vendo tantos se dirigirem para os Estados Unidos. Mas o que adiantava todo o seu

pensar, se ele tinha que se contentar com estes “dezessete”? O Dr. Blumenau viajou na frente, a fim de preparar tudo para a recepção dos colonos às margens do Rio Itajaí. Contratou algumas pessoas das colônias situadas na costa do Estado e começou com eles a derrubada do mato.

Munidos somente de serra e machado, a luta contra os muros verdes da selva demoraria demais. — O fogo é que deveria ajudar. — Levantando uma gigantesca nuvem de fumaça agitando-se contra o céu, caíam as árvores — gigantes da selva, muitas vezes com mais de cinco metros de circunferência.

Para conquistar um pedaço de chão, os colonos tinham de passar por uma confusão de galhos queimados, troncos, raízes e cinzas. Alguns dos troncos estilhaçados e que se tinham defendido contra a intervenção das mãos humanas, ficavam em pé, iguais a fantasmas. De galho em galho pulavam os macacos — de volta do mato, onde se tinham refugiado, fugindo do fogo.

O Dr. Blumenau não se contentava somente em comandar, mas com suas próprias mãos ajudava os colonos em suas tarefas árduas. Muitas noites caiu em seu leito sem poder dormir — morto de cansaço de tanto carregar troncos, galhos e restos de árvores. Mas no dia seguinte era ele o primeiro a se levantar, animando a sua gente com entusias-

mo e com o próprio exemplo.

Aguardando para em breve a chegada dos colonos, o Dr. Blumenau insistiu em terminar a construção do barracão para os emigrantes. Deu um aumento e o pessoal continuou a trabalhar com novo vigor. — “Patrão — troncos e folhas de palmito?” perguntou o crioulo Bombo, admirado com a ordem do Dr. Blumenau para cobrir o telhado com folhas de palmito.” — “Naturalmente, Bombo, por enquanto não precisamos dum palácio, mas sim de um teto sobre a cabeça!” — Algumas semanas depois uma casa simples, de enxaimel estava pronta. O interior era dividido em alguns compartimentos. O chão era batido e o Dr. Blumenau estava contente em poder oferecer aos emigrantes um alojamento mais ou menos humano. Pela primeira vez ele conseguiu se deitar mais cedo, esperando que no futuro pudesse pensar um pouco mais em descanso. — No dia seguinte porém, foi acordado com o grito apavorado do Bombo: “Patrão, os macacos... o barracão!” — “O barracão — o que é que os macacos têm a ver com o barracão dos emigrantes?” perguntava sonolento e aborrecido o Dr. Blumenau. — Levantado viu a confusão — o barracão estava com uma aparência horrível. Durante a noite os macacos tinham brincado com o telhado e as folhas de palmito tinham sido arrancadas e espalhadas pelo chão. O céu aberto olhava para dentro do barracão e por cima de tudo ainda começava a chover. Em pouco tempo as águas do Rio Itajaí começaram a subir assustadoramente. O chão lamacento impedia a derrubada das árvores, tor-

nando quase impossível o desbravamento da área.

Como primeiro e mais importante serviço o Dr. Blumenau ordenava o imediato concerto do telhado, pois a cada dia poderiam chegar os emigrantes. — Em meio de todo o trabalho, em cima do telhado, o grito excitado de um dos homens: “Patrão, patrão, grande balsa, grande balsa!” — Serra e machado foram jogados fora e todo o mundo corria ao rio. Na frente de todos o Dr. Blumenau. Aí estava ele, observando a aproximação do barco. Por pouco parecia que ele seria dominado pela emoção. Será que ele poderia assumir a responsabilidade de ter levado estes colonos alemães para dentro desta floresta virgem? Será que seria ele — que já não possuía mais do que um grandê idealismo — destinado a conduzir esta gente à liberdade e à prosperidade? Será que a sua vontade férrea seria o suficiente? O seu corpo se erguia energeticamente — sim, o conseguiria, tinha de o conseguir.

Como todo o seu pessoal, também o Dr. Blumenau vestia somente calça e camisa. As suas botas rústicas eram cobertas de uma grossa camada de barro. Ele acenava para o barco: “Ei, ei! — Atraiquem aqui! — Bem-vindos, patrícios, bem-vindos!” — Com um violento soco a balsa atracou às margens do Rio Itajaí. Lentamente os imigrantes desembarcavam — duros e cansados pelos sofrimentos da viagem.

Os próximos momentos seriam decisivos. Será que todos seguiriam o Dr. Blumenau de boa vontade — para no interior do mate iniciar uma vida nova, dura e cheia de privações. Os rostos

eram sérios e indecisos. Via-se neles a decepção e a revolta? Por enquanto ainda ninguém se arriscava a rebelar abertamente, mas os nervos de todos estavam à flor da pele. — Recuperando-se rapidamente, o Dr. Blumenau estendia com firmeza a sua mão a todos, dizendo: “Amigos — não é com promessas falsas, que pretendo conquistar a amizade de vocês. Também não quero ser um tipo de comandante absoluto, decidindo tudo sem o vosso conhecimento — o que eu quero é simplesmente ser um de vocês, mostrando com o próprio trabalho meu o caminho a seguir.”

Então — como primeiro a pular a bordo da balsa — começou a descarregar malas, caixas e utensílios. Em pouco tempo tudo estava empilhado na margem do rio. — “E agora — para onde iremos com toda esta bagagem e os imigrantes todos mortos de cansaço?” — O Dr. Blumenau indicou o barracão. — Começou a indignação geral: “O quê? Para este estábulo? Este não serve nem de moradia para cachorros! — Onde é que se acha o prometido paraíso brasileiro?”

As palavras do Dr. Blumenau se perderam na confusão e no barulho dos imigrantes. Estava aí um grupo de colonos, plantado num pedaço de terra e abandonado por Deus. A terra — não cultivada e com restos de madeira queimada e espalhada por toda a parte — era para os colonos recém-chegados um aspecto desconsolador, pois não tinham a mínima idéia de como era difícil o trabalho de desmatamento e de colonização. Também os operários contratados pelo Dr. Blumenau, começaram a demonstrar simpatia pelos colonos. — Pulando em

cima dum toco de árvore e gesticulando energicamente com o braço, o Dr. Blumenau conseguiu cortar bruscamente o barulho. Somente uma pessoa ainda gritava: “Mentira, enganaram-nos.”

“Isto não é verdade!” respondeu ele com veemência. — “O que eu prometi, era terra e trabalho em liberdade. E é isto o que vocês encontram aqui. Se vocês começarem a trabalhar com vigor, entusiasmo e perseverança — como estão acostumados lá na Alemanha — tudo isto aqui, em pouco tempo, terá um aspecto bem diferente.” — E o Dr. Blumenau falava e falava ... Ele queria conquistar a confiança dessa gente e tinha que sufocar a rebeldia já desde o início. — “Patriotas, amigos! — O sofrimento causado pela longa viagem no navio de vela está ainda dentro de vocês e é por isso que vocês não enxergam a realidade. — Não foi um paraíso que lhes prometi! Mas olhem bem e sejam sinceros — isto não é uma natureza maravilhosa o que vocês estão vendo? — Onde crescem tais florestas, campos férteis florescerão, com ricos frutos. É só pegar e começar a trabalhar. Esta terra vale mais do que ouro. — Mas o que eu não necessito, são de preguiçosos ou malandros. Aqui cada um tem que estar a favor de todos, e todos estão a favor de cada um.”

Lentamente um sentimento de aprovação se levantava: “Isto parece estar certo!” — A voz do Dr. Blumenau continuava: “Este chão é livre! Será que algum de vocês conseguiria, lá na Alemanha, ser dono de alguma terra? Dependerá somente de vocês, se querem ficar pobres ou se tornar ricos.” — Em muitos olhares surgiu uma físcia de esperança e um

dos colonos dizia: "Amigos, será que vocês não conseguem cheirar a liberdade que aqui paira no ar?" — Foram estas as palavras que conseguiram quebrar o gelo. O homem que a eles falava não era um impostor, mas sim uma pessoa séria. — E quando o Dr. Blumenau, mais uma vez, lhes estendia a sua mão, todos a toca-

ram e do longe da floresta veio o eco "Viva o Brasil! Viva o Dr. Blumenau!"

No dia 2 de setembro de 1850 os colonos alemães resolveram, dar ao local de sua nova pátria o nome de "Blumenau".

(Tradução do Alemão:

Alfredo Wilhelm)

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

PAREDE CHEIA

Agitado, ele caminhava de lá para cá, na frente da minha mesa. Não sabia bem onde pôr as mãos e a sala ficava pequena para suas passadas. A cabeleira esvoaçava.

— Mas que foi que aconteceu, homem? — indaguei curioso. Conta logo!

— Ganhei! — disse. — Ganhei mais um ...

Imaginei logo do que se tratava mas esperei que ele mesmo contasse. Parou afinal na minha frente.

— Acabo de receber o dinheiro do prêmio. E o diploma já está na parede, junto com os demais.

Fez uma ligeira pausa e continuou:

— O conto vai ser publicado numa coletânea, com os outros vencedores.

Diante de todo aquele entusiasmo, aplaudi com calor.

— Parabéns, meu caro! Você merece.

Nem se deu ao trabalho de agradecer; afinal eu, jamais premiado, não fazia mais que a obrigação ao felicitá-lo.

— Com esse prêmio — prosseguiu o vitorioso — quase enchi a parede! — e fez um gesto abrangente, apontando a parede às minhas costas, por ironia da sorte totalmente vazia.

O prêmio, pensei cá comigo, deve ser importante, alguma coisa internacional, milionária. Por via das dúvidas, indaguei:

— Mas que concurso foi esse? Eu não soube de nada, e olha que ando ligado nessas coisas.

Ele me olhou com ar de estupefação, compadecido de minha ignorância. Tive até um breve temor de que me passasse uma descompostura. O premiado, porém, recomeçou as andanças.

— Pois foi o prêmio do concurso instituído pela prefeitura de Nhecolândia. Então você não sabe? — fez uma pausa. — Tirei o primeiro lugar!

— Ótimo! Ótimo! — afirmei.

— Daqui pra frente — recomeçou ele — vou me transformar num “papa-prêmio”, no maior “papa-prêmio” do Estado! Já estou até concorrendo em outro.

Nesse instante uma dúvida me ocorreu.

— Você tem algum livro publicado? — perguntei.

— Não — respondeu.

— Tem participado em antologias, coletâneas, trabalhos coletivos?

— Não.

— Então — conclui — você publica em jornais e revistas?

— Também não!

Depois, com os olhos brilhantes, fitou-me com desprezo e disparou:

— Isso não tem importância!

Surpreso diante daquilo, não ousei responder. O escritor multipremiado estava convencido de que os prêmios eram mais importantes que os leitores. E não seria eu quem iria demovê-lo.

Há poucos dias tomei conhecimento de que ele havia recebido menção honrosa da Academia de Letras do município de Vargem.

A parede deve estar cheia.

— . — . — . — . — . — . —

NO VALE, COM CHUVA

Romancista de grande renome, conhecedor do Direito Civil e Agrário, dos temas amazônicos (sua região natal), tradutor de Goethe e Schiller, romancista e poeta, Silvío Meira acaba de visitar nosso Estado.

Convidado pela Faculdade de Direito da UFSC, preferiu três palestras sobre a unificação do Direito Privado, durante uma semana de estudos jurídicos coordenada pelo Prof. Márcio Campos.

No dia seguinte, tive o prazer de acompanhá-lo numa visita ao Vale do Itajaí, onde o atraíam as origens germânicas em virtude de suas ligações com a língua e a cultura alemãs. Em Pomerode, recepcionados pelo presidente da Fundação Cultural, percorremos a região rural onde está preservada a arquitetura típica, visitamos a exposição da Casa da Cultura e a cidade, almoçando num restaurante de cardápio pomerano. Mais tarde, na Câmara Municipal de Blumenau, fomos recepcionados pelo escritor Roberto Saut, seu Diretor Geral, ocasião em que o visitante foi entrevistado pela imprensa e lhe foi oferecido um exemplar do livro “História de Blumenau”, de J. Ferreira da Silva, em sua 2.^a edição, publicada pela Fundação “Casa Dr. Blumenau”. Depois, apesar do mau tempo, Silvío Meira percorreu os pontos obrigatórios da cidade.

REGIONALISMO

Entre as perguntas formuladas pelo apresentador Roberto Guessler, na entrevista que dei à TV Cultura (RCE), ele indagava se ainda há lugar para o regionalismo, nos dias de hoje. Pergunta oportuna, que respondi com sinceridade, tal como penso.

O regionalismo "típico", das prosas na botica da vila, dos mandonismos do "coronel", da linguagem arrevezada, buscando apenas o pitoresco, esse ninguém mais tolera. Creio que teria poucos leitores.

Para ser aceito, penso eu, o escritor regionalista tem que levar em conta as mudanças do cenário regional, impostas pelo progresso, com as estradas, o jornal e o rádio, o cinema e sobretudo a televisão. Mas conservando sempre, como pano de fundo, certas características próprias do meio e do povo, que lhe dão uma coloração especial, diferente das demais. Um fio de outra cor no tecido da cultura nacional, como disse o crítico.

Esse regionalismo é perene e está em franca expansão.



TRÊS LIVROS

Três livros que são, ao mesmo tempo, obras de arte no aspecto editorial, merecem um comentário.

O primeiro deles, sob o título amplo de "Contestado", é um grande projeto bem concebido e melhor executado. É um livro álbum, em tamanho grande, reunindo três autores diferentes que escrevem sobre esse tema tão complexo e fascinante: Herculano Gomes Matias, Walter Piazza e Nilson Thomé. Um focaliza o assunto com imparcialidade, o segundo sob a ótica estadual e o último do ponto de vista da população local, conforme explica a nota introdutória da obra.

Além dos ensaios, traz o livro riquíssima iconografia, jamais reunida num só volume. "Tudo isso — advertem os editores — reproduzido com as mais modernas e sofisticadas técnicas editoriais, buscando a obtenção de bons resultados gráficos, apesar do mau-estado de parte do material iconográfico". O resultado, diga-se, não poderia ser melhor: fotos com setenta anos aparecem com nitidez impressionante.

Esse material foi escolhido no acervo do advogado canoinhense Orty de Magalhães Machado, meu particular amigo, incansável estudioso e colecionador das coisas do Contestado, cujo livro sobre o assunto, sempre prometido, precisa aparecer logo, e no acervo de instituições estaduais e nacionais dedicadas ao estudo dos temas históricos e preservação documental.

A questão do Contestado foi a mais longa e a mais dolorosa disputa de limites entre Estados brasileiros, como acentuou Américo Jacobina Lacombe, acrescentando: "O que aqui se publica são documentos e memórias dentro da maior objetividade para a compreensão do

conflito que afligiu a nação inteira e provocou uma bibliografia que nos parece a maior produzida nas questões do gênero". Realmente, multiplicam-se os livros sobre o tema mas, do ponto de vista literário, a grande obra ainda está por vir. Como se tem dito e repetido, o Contestado não encontrou seu Euclides. É de esperar, porém, que desse permanente interesse, acabe surgindo o verdadeiro romance sobre o movimento que Nilson Thomé denominou, com muita propriedade, "a insurreição Xucra".

Mas, voltando ao livro, é uma contribuição excelente, nos textos, sérios e comedidos, nas fotos e nos mapas, nítidos e expressivos. A bibliografia também é criteriosa e, pelo que posso avaliar, completa até a época da publicação (os livros de Paulo Ramos Derengoski e Licurgo Costa são posteriores).

Publicado pela Editora Index (Rio), em convênio com a FCC e a Fundação Roberto Marinho, em 1987, o livro não tem merecido destaque e não recorro qualquer manifestação da imprensa sobre ele, o que é de lamentar.

A outra obra, também precocemente esquecida, e bem mais antiga. Trata-se de "Ilha de Santa Catarina", publicação da Assessoria Cultural da Assembléia Legislativa (1979) e reúne relatos de viajantes estrangeiros nos Séculos XVIII e XIX. Livro muito interessante e bem ilustrado, merece uma leitura atenta pela infinidade de informações e aspectos pitorescos desses visitantes de antanho.

Por fim, "Florianópolis — Roteiro da Ilha Encantada", de Glauco Carneiro, edição do Museu de Arte de S. Paulo — MASP e do Banco Bandeirantes (1987). Com um texto enxuto, contendo informes geológicos, históricos, geográficos, econômicos, artísticos, turísticos, literários, folclóricos e outros tantos, o autor conseguiu colocar nesse alentado volume o "clima" da Ilha e o espírito do ilhéu genuíno — o "Manezinho". As ilustrações e as fotografias trazem a marca do profissionalismo e são o ponto mais alto da obra. O livro é um retrato feito com simpatia de nossa Capital e sua gente, essa cidade cujo nome vem de flor e não de Floriano, — segundo o cronista Júlio de Queiroz.

Curiosamente, todos esses livros, publicados sob as benesses oficiais, são desconhecidos do público. Isso vem reforçar a minha teoria, tantas vezes contestada, de que o livro editado por entidade oficial, diretamente ou não, parece gerar desconfiança no leitor. À custa de publicar protegidos, o oficialismo desgastou-se como editor e as obras que põe em público são natimortas ou vegetam meio "secretas" nas estantes dos próprios autores e alguns minguados leitores. Isso, muitas vezes, é injusto, como nos casos aqui referidos e numerosos outros que poderiam ser lembrados.

LANÇAMENTOS

O período não teve muitos lançamentos, embora todos fossem bastante significativos. Registram-se os seguintes: "A Emulsão de Ulysses", crônicas de Sérgio da Costa Ramos, publicado em co-edição

da Lunardelli e da Global; "Verso e Reverso", do poeta blumenauense Martinho Bruning, editado pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" e "Uma Luz na Solidão", romance biográfico de Cláudio Bersi de Souza, também edição da Lunardelli. E, por fim, a "Revista Agora", órgão da Associação de Amigos do Arquivo Público, em seu n.º 6, totalmente dedicado a José Honório Rodrigues, com ensaios de Walter Piazza, Iaconar Soares, J. S. Witter, José Octávio, todos focalizando a figura homenageada. Traz ainda, em apêndice, uma interessante relação de pessoas que estão efetuando pesquisas e os assuntos a que se dedicam.

Cabe mencionar ainda três exposições de pintura, sendo elas de Ruben Grau, realizada na Casa da Alfândega, em Florianópolis, de Julieta Bruning, em Blumenau e de Rosi Darius, em Timbó, como acontecimentos realmente marcantes.

A presença do negro na região de Blumenau

Sueli Maria Vanzuita Petry

O ano de 1988, veio marcar nos anais da nossa História a passagem dos cem anos de Abolição da Escravatura Brasileira. E, como nos relata a história, o município de Blumenau foi um dos poucos Municípios brasileiros onde o regime da escravidão não criou raízes.

A inexpressiva presença do negro na região de Blumenau é consequência de um processo que se iniciou nos primórdios da sua colonização. A extinção do trabalho servil nos países da Europa já vinha de longa data. O Brasil era um dos últimos países que mantinha este regime escravocrático. O Governo Imperial, sentindo os reflexos das imposições da Lei Bil Aberdeen, e as evidências de que num futuro próximo a abolição seria um fato consumado, estimulou através da criação de leis o incentivo à imigração europeia para o Brasil (1).

É dentro deste contexto que o Dr. Blumenau entra em contato

com a realidade brasileira. Veio em 1846, comissionado pela "Sociedade de Proteção aos Imigrantes". Após percorrer as colônias alemãs do Rio Grande do Sul e, posteriormente Santa Catarina, decidiu iniciar um projeto colonizador na região do Rio Itajaí-Açu. No ano de 1848, entrou em contato com o Governo Provincial para apresentar a sua proposta de colonização, como procurador da "Sociedade de Proteção dos Imigrantes". Neste documento, que era constituído de 24 artigos, o 12.º dizia o seguinte:

"Fica desde já e para sempre proibida a entrada de escravos nas terras concedidas pelo Governo à Companhia e seus colonos, para empregarem em serviço de qualquer natureza nessas terras ou em serviço doméstico, proibição esta que se estende às aquisições de terras devolutas nacionais, que de futuro houverem de fazer a Companhia ou os Colonos, e que fica também autorizada a

Companhia, de impor, conformando-se as circunstâncias especiais, nas terras particulares, que comprar ou adquirir por qualquer outro título. Nunca poderão entrar escravos no serviço da Companhia, nem das pessoas estabelecidas nas terras concedidas pelo Governo à Companhia e seus Colonos, e nenhum proprietário de qualquer parcela destes terrenos poderá ficar ao mesmo tempo dono de escravos". (2)

Para completar este artigo o 13.º dizia:

"Para execução do Artigo antecedente deverá o Governo Provincial organizar de acordo com os agentes da Companhia, um regulamento interno das Colônias, em que o qual há de marcar o prazo, que nas terras da Companhia ou dos Colonos, podem demorar-se os escravos dos viandantes e das pessoas que o negócio a elas forem, e estabelecerá multas adequadas, em que incorrerão os infratores, se a estada dos escravos exceder o prazo marcado, ou se estes se ocuparem em outro serviço que não seja o doméstico para o seu Senhor ou amo durante o prazo marcado" (3).

Diante do exposto nos artigos 12.º e 13.º, pode-se constatar que o Dr. Blumenau não aprovava o regime de trabalho servil. O rigor da Lei foi levado com muita seriedade pelo seu administrador. No entanto, estaríamos cometendo uma inverdade histórica se afirmássemos que não houve escravos na Colônia. Para dar condições de sobrevivência e abrigar

aos primeiros imigrantes que chegariam à futura Colônia, o Dr. Blumenau encarregou o seu sócio Ferdinand Harckradt. Este deveria construir ranchos, engenhos de serra, e roças prontas para fornecer alimentos. Para realizar estes serviços o sócio utilizou-se dos trabalhos de escravos conforme registra o próprio Dr. Blumenau. "De nove negros que ele comprou com o meu capital, existiam apenas dois; os outros, ou fugiram ou foram seduzidos pelos patrióticos e vizinhos" (4).

Quando o Dr. Blumenau retornou da Alemanha com os primeiros imigrantes em 1850, constatou uma realidade funesta. Seu sócio não correspondeu às expectativas de estruturar as bases para a instalação da colônia, retirando-se da Sociedade, deixando para o fundador prejuízos e aborrecimentos.

Em observância aos artigos propostos pela "Sociedade Protetora dos Imigrantes Alemães" e do próprio Regulamento da Colônia que no seu artigo 40.º, proibia a entrada e utilização da mão-de-obra escrava, não se tem registro da presença de negros cativos durante a administração do Dr. Blumenau. (5)

Uma justificativa que nos leva a sugerir a ausência do negro na região da Colônia Blumenau deve-se também à formação moral dos colonos que discordavam das condições desumanas com que o mesmo era tratado ou ainda pelo fato dos mesmos não disporem de recursos financeiros para se da-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

rem ao "luxo" de adquirirem um escravo.

Não podemos credenciar ao Dr. Blumenau o pioneirismo da proibição do uso de escravos nas Colônias. No Rio Grande do Sul, nas iniciativas de colonização alemã, constava também do regulamento esta proibição. No entanto, entre estas colonizações houve diferenças. Enquanto em Blumenau o seu Diretor foi um fiel cumpridor da Lei, lá houve mais displicência quanto ao cumprimento.

Após a emancipação política da Colônia e a efetiva entrega do cargo de Diretor surgiram os primeiros registros documentais da entrada de negros em Blumenau. (6).

Em 13 de maio de 1882, Pedro Wagner, um abastado colono do Município, registrou a compra de um escravo de nome Camillo, 40 anos, pelo valor de Rs 600\$000 (seiscentos mil réis) (7). Outro registro de escravos ocorreu em 1883, quando assumiu a Presidência da Câmara Municipal José Henrique Flores Filho. Este ao transferir residência de Itajaí para Blumenau trouxe consigo seus escravos.

A precariedade de registros documentais não nos impede de afirmar que nesta região havia latifundiários que se utilizavam da mão-de-obra escrava. Um dos proeminentes donos de relativo número de escravos era proprietário de terras em Gaspar, o Tenente Capitão José Henrique Flores (8).

Com a abolição da escravatura, estes negros se espalharam pela região. Hoje seu contingente é

inexpressivo na região do Vale. Os registros estatísticos nada relatam quanto ao seu número. Não se tem notícias de atritos ou conflitos raciais na região ou, se eles ocorreram não foram polemizados.

Na década dos anos 60 iniciou-se um movimento liderado por Avandie de Oliveira "Príncipe Negro" que fundou a União Catarinense dos Homens de Cor — UCHC. Sediada em Blumenau, esta associação tinha por objetivo "Levar a assistência social beneficente e apoio moral aos lares das famílias de cor, que estão em situação menos privilegiada em todos os quadrantes do nosso Estado" (9). Para divulgar seus eventos sociais e outras atividades a que se propunha, a UCHC editou o periódico "COLORED". Sua tiragem era de 2.000 exemplares e o seu alcance atingia o Estado. As edições não eram constantes, e no seu terceiro ano de publicação surgiu com outro nome: "O Kings" (10).

Esta Associação promoveu o concurso Miss Mulata que teve grande repercussão da classe e envolveu municípios catarinenses de maior população negra. A grande abrangência do jornal da Associação era para divulgar o concurso.

Ainda na década dos anos 60, no campo político, o negro teve o seu representante junto à Câmara Municipal de Vereadores na pessoa do ferroviário Romário da Conceição Badia.

Atualmente, o negro em Blumenau tem se manifestado em esporádicas atitudes isoladas quer

na área cultural, musical, esportiva e outras.

Temos ainda que levar em consideração que numericamente o Vale do Itajaí foi quase que to-

talmente povoado por imigrantes europeus; portanto, a participação do negro na comunidade é inexpressiva em consequência deste contexto.

Referências Bibliográficas

- (1) Lei Inglesa aprovada pelo Parlamento em 08/agosto/1845. Declara legítima a captura de navios que exercessem o tráfico de escravos. Tinha por destinatário o Brasil.
- (2) AHJFS., Pré-Colônia Blumenau 1839-1850, pasta 02 doc. 06.
- (3) Idem.
- (4) SILVA, J. F. da. O Dr. Blumenau, Rio de Janeiro, L. Fernandes e Irmãos, 1933, pp. 52-53.
- (5) SILVA, J. F. da. História de Blumenau, Florianópolis, Edeme, 1972, p. 102.
- (6) O Dr. Blumenau entregou o cargo em 02/fevereiro/1852.
- (7) AHJFS., Pasta Família Wagner.
- (8) Registro de óbitos (livro) Paróquia de São Pedro Apóstolo de Gaspar (1857-1835).
- (9) AHJFS., Sessão de Periódicos, "O COLORED", Blumenau, 1962.
- (10) Idem.

FIGURA DO PRESENTE

João Carlos Frederico Wilmsen

O pioneirismo da colonização do oeste catarinense, especialmente no vale do Rio do Peixe, teve como força maior, as numerosas famílias descendentes de imigrantes italianos e alemães vindos do Rio Grande do Sul utilizando-se da então Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, cujo trajeto em direção aos pampas, margeia em quase todo o território catarinense, o Rio do Peixe.

Dentre os milhares dos que migraram para aquela região, procedentes de diversas localidades do Rio Grande do Sul, está o Sr. João Carlos Frederico Wilmsen, tronco, hoje, de numerosa e unida família, cujos membros residem, em sua totalidade, nas regiões de Videira, Pinheiro Preto

e Bonsucesso, no mesmo vale.

João Carlos Frederico Wilmsen, contou-nos alguns lances emocionantes e interessantes de sua vida naquela região, desde que chegou do Rio Grande do Sul, procedente da cidade de Montenegro, aonde nasceu, a 25 de setembro de 1897. Seus pais eram imigrantes holandeses, chegados naquela região em meados do século passado e chamavam-se Henrique e Ana Wilmsen.

Quando contava com vinte e cinco anos de idade, João Carlos Frederico Wilmsen casou com a jovem Leopoldina (nata Weirich), isto no ano de 1922. Chegou em Videira por volta de 1923, tendo logo após se estabelecido na localidade de Bonsucesso, da

quele município, aonde adquiriu um lote de terras. Ali residiu durante trinta e sete anos, após o que mudou-se para a localidade, hoje município de Pinheiro Preto, ali residindo durante 20 anos. Seus filhos foram nascendo, seu trabalho era duro e difícil para sobreviver, mas nunca desanimou. Foi infeliz no primeiro casamento, pois aos trinta anos faleceu sua esposa. Com três filhos ainda pequenos, João Carlos viveu dias difíceis sentindo a falta de sua companheira, que falecera em consequência do parto do terceiro filho. Foi feliz ao encontrar, sua atual esposa, dona Filomena, com a qual casou-se ainda um ano após o falecimento da primeira mulher, tendo dona Filomena adotado as três crianças e amando-as como seus verdadeiros filhos. Do segundo casamento, João Carlos teve mais cinco filhos.

Diz ele que sua chegada àquela região, em 1923, foi juntamente com um seu cunhado. A terra que adquirira possuía dez alqueires. Na grande luta que travou com o preparo da terra, teve sua compensação, já que, um ano após haver chegado, isto é, na primeira colheita, conseguiu negociar com o milho colhido, a troca deste por uma carroça e dois cavalos.

Sendo naquela época a região quase desabitada, tudo era difícil de comunicações. João Carlos fez muitas vezes o trajeto entre Bonsucesso e Videira, cerca de 20 quilômetros, sendo 40 ida e volta, a pé, caminhando através de picadão, em cujas florestas encontravam-se muitos animais ferozes, como onças, jaquaticas e muitas cobras. Além desses animais, era

comum encontrar-se bandidos que assaltavam os viajantes, principalmente os que transportavam muita mercadoria em lombo de burros.

Em face do perigo que teria que enfrentar, João Carlos levava sempre consigo, além do saco contendo milho para trocar por farinha do mesmo produto para o alimento de sua família, uma espingarda e um facão de mato. Conduzia, naqueles quarenta quilômetros de ida e volta, duas quartas de milho e retornava com a mesma quantidade de fubá para polenta. Este trajeto de ida e volta, ele fazia num dia, saindo de casa pela madrugada e retornando ao anoitecer. Eram horas difíceis e cansativas que tinha de fazer toda semana. O perigo era constante, pois não passava uma semana sem que soubesse de um crime de homicídio na região, no choque entre bandidos e às vezes em luta contra a polícia. Perto de Bonsucesso existia uma localidade que era um verdadeiro ninho de maus elementos. Eram caboclos violentos que infernizavam a vida dos colonizadores. A localidade a que ele se refere é hoje pacata, típica e lindíssima cidade de Treze Tílias, que surgiu naquele oeste pela força da colonização por imigrantes austríacos.

Naquela época, diz João Carlos Wilmsen, Videira chamava-se Ferdizes. Diz ainda que a denominação de Pinheiro Preto veio da existência, perto do local em que foi construída a estação ferroviária, de um toco de pinheiro que havia sido queimado pela ação de uma foice resultante de uma trovoada. Por isso, para que fosse fixado o local como orienta-

ção na construção da estação, foi dada a denominação de localidade do Pinheiro Preto. Diz também João Carlos que a localidade de Bonsucesso, denominava-se na época em que migrou para lá, de Cochos. Esta denominação também tinha origem no fato de que, na pequena povoação que ali foi se formando naqueles tempos, o comerciante que ali fixou-se, mandou montar diversos cochos de madeira para que fosse dada água aos animais procedentes de diversas localidades que ali passavam puxando carroças e carroções e cujos proprietários viajantes em geral se hospedavam por ali para não viajar à noite em face do perigo de serem assaltados. Os cavalos então eram alimentados e bebiam água naqueles cochos, daí a denominação inicial da localidade, de Cochos, hoje Bonsucesso.

João Carlos Frederico diz ainda que o que muito ajudou os migrantes que se estabeleceram no alto Rio do Peixe, nos primeiros tempos de moradia, foi a abundância de caça, que permitia ter à mesa, sempre, boa carne, tanto de aves como de animais selvagens. Segundo ainda João Carlos Frederico, a hoje progressista cidade de Arroio Trinta, situada mais para o extremo oeste, a cerca de 40 quilômetros de Bonsucesso, denominava-se, naquela época, de Encruzilhada.

Outra faceta da vida difícil que enfrentaram os primeiros migrantes que colonizaram aquela região do Vale do Rio do Peixe, era a assistência médica ou mesmo farmacêutica. Diz João Carlos que os doentes daquela localidade onde morava, eram levados, por picada, num trajeto de vinte quilômetros até Pinheiro Preto, para ali aguardar o trem

procedente do norte e então seguir até a localidade de Marcelino Ramos, na divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, único lugar em que era encontrado um farmacêutico que, com a experiência que possuía, examinava os doentes e lhes fornecia medicamentos. Muitos morriam antes de serem socorridos, embora os ferimentos, às vezes, nem fossem mortais, mas o envenenamento do organismo lhes roubava a vida antes dos primeiros socorros.

João Carlos Frederico Wilmsen, graças à tenacidade com que se atirou à luta desde que chegou de Montenegro naquela brava região do Alto Vale do Rio do Peixe, conseguiu sobreviver a todos os óbices e conduzir a sua vida junto com seus filhos e esposa, em direção a melhores dias. Ao longo dos tempos, formou vinhas que, hoje, dão saboroso vinho para o consumo de toda a família, e que é trabalhado por seu filho Albano, com quem vive seus dias hoje tranquilos, em Bonsucesso.

Hoje, quando vai atingir os seus noventa e um anos de idade, ao lado da segunda esposa dona Filomena, João Carlos Frederico Wilmsen sente a grande alegria de poder, ainda, saborear um bom churrasco, regado com o mais apreciável vinho produzido em casa e fruto das vinhas que ele e seu filho possuem. E esta alegria, se amplia ainda mais quando, nos fins de semana, vê chegarem de diversas localidades da região, seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos que tanto alegram e ornamentam sua existência.

João Carlos Frederico Wilmsen tem, de seus dois matrimônios, oito filhos, dos quais geraram-se 96 netos, 166 bisnetos e 22 tataranetos. Ele ainda caminha

nha diversos quilômetros, em passeio pelos arredores, e, segundo suas próprias expressões, ainda deseja viver muito mais, porque ama a vida, venera Deus, adora sua família e, além do entusiasmo que o mantém altivo e alegre, rejuvenesce seu espírito e sua condição física com o magnífico vinho que produzem na família.

vinho este que ele absorve com a satisfação de quem sabe o que é bom para a sua magnífica saúde e de todos os familiares que hoje formam a grande árvore genealógica Wilmsen, cujo tronco ainda bem firme nas raízes, é ele mesmo e sua esposa Dona Filomena.

José Gonçalves

Aconteceu...

Abril de 1988

— DIA 5 — No salão de conferências da FURB, instalou-se o 1.º Seminário Sobre Uso e Proteção das Encostas, que contou com a presença de técnicos e representantes de entidades ecológicas, além de pessoas interessadas no assunto.

* *

— DIA 6 — Dentro da programação do cinquentenário de fundação do Grupo Tupy, constou a apresentação do aplaudido coral blumenauense Camerata Vocale, com peças de Mozart, Vivaldi e Haydn.

* *

— DIA 7 — Com a presença de numerosas pessoas, foi realizada a noite de autógrafos da escritora e poetisa Edltraud Zimmermann Fonseca, com o seu último livro "Quero Estar Com Você Agora". O acontecimento teve lugar nas dependências do conceituado estabelecimento indaialense Bar Y Bar.

* *

— DIA 9 — Teve a mais ampla repercussão em todo o país, o concurso Miss Brasil, e especialmente na região do Vale do Itajaí, com destaque Gaspar, pois foi eleita a jovem Isabel Cristina Beduschi, nascida em Blumenau mas que concorreu como candidata pela cidade de Gaspar, aonde fora eleita como sua representante no grande concurso.

* *

— DIA 10 — No pavilhão "A" da PROEB, o Departamento de Cultura da Prefeitura promoveu o segundo show BLUMENÁLIA de 1988. A promoção foi grandemente prestigiada pelo público.

* *

— DIA 11 — Foi entregue ao tráfego o primeiro trecho da Avenida Martin Luther, que passou a acolher os veículos até a rua Indaial, dali para a Rua São Paulo.

* *

— DIA 11 — A Divisão de Promoções Culturais da Universidade Regional de Blumenau, promoveu a solenidade de abertura da exposição de cerâmica de Maria Edith Poerner. A solenidade foi no salão da FURB, às 19.30 horas.

— DIA 14 — Com um Café Campeiro, o CTG Fogo de Chão abriu a 6.^a Festa do Cavalo, que teve lugar no Parque de Exposições “Tancredo Neves” e que teve um desenrolar dos mais movimentados e prestigiado por numeroso público.

* *

— DIA 14 — Na FURB, a Divisão de Promoções Culturais abriu a exposição de desenhos de STOCKER, em solenidade realizada às 20 horas.

* *

— DIA 15 — Promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura, foi aberta a exposição “Cerâmica de Goiás”, e montada pela Associação dos Artesãos goianos, que funciona naquele Estado em forma de cooperativa. O local da exposição foi o “Biergarten” e ficou aberta até o dia 17.

* *

— DIA 16 — No Aeroporto “Quero-Quero”, realizou-se o Terceiro Festival de Aeromodelismo, cujo acontecimento repetiu os êxitos anteriores em comparecimento do público e participações e encerrou-se dia 18.

* *

— DIA 19 — No Garden Terrace Hotel, foi aberto Solenemente o Segundo Encontro de Assistentes Sociais de Prefeituras de Santa Catarina. O Encontro foi coordenado pela Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social da Prefeitura de Blumenau e contou com a presença de cerca de 300 participantes.

* *

— DIA 23 — Isabel Cristina, a jovem representante de Gaspar e eleita Miss Brasil, conseguiu seu segundo título, ao ser eleita, no Peru, Miss América do Sul.

* *

— DIA 28 — Foi aberta a exposição da artista plástica Julieta Brunning, juntamente com a solenidade de lançamento do livro “Verso e Reverso”, de Martinho Brunning. O acontecimento foi bastante prestigiado, pois a artista e o poeta são figuras que já conquistaram, há muito, a admiração incondicional nos círculos artísticos e culturais de Santa Catarina.

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

Os auxiliares do Dr. Blumenau, biografados por José Deeke

Segundo foi publicado no "Der Urwaldsbote", ano 33,
n.º 2 — fevereiro de 1926

HERMANN WENDEBURG

Nascido a 2 de fevereiro em Förste, imediações da cidade de Hildesheim; profissão: comerciante. Chegou à Colônia Blumenau a 15 de julho de 1853 e foi empregado pelo Dr. Blumenau no escritório administrativo. Mais tarde tornou-se contador da direção colonial (1860 até 1865). Quando Dr. Blumenau, por ordem do Governo Imperial, foi para a Alemanha, providenciando a emigração, ficando ausente quase 5 anos (1865 até fins de 1869), o Sr. Hermann Wendeburg foi seu diretor substituto. O Governo Imperial concedeu-lhe a condecoração de Cavaleiro da Ordem das Rosas. Com a volta do Dr. Blumenau, Wendeburg atuou como vice-diretor da Colônia até que a 12 de janeiro de 1881 acometido por um súbito mal veio a falecer com 56 anos de idade. No ano de 1856, Wendeburg casara com Jenny Herbst, filha do casal de imigrantes Herbst que chegaram à colônia em 1854.

EMIL ODEBRECHT

Nascido a 27 de março de 1835 em Jacobshagen, Província Pommern (Pomerânia), chegou à Colônia Blumenau com 21 anos em 28 de dezembro de 1856. Na companhia dele vieram dois amigos com um projeto de colonização da região superior do Vale do Itajaí e vizinha à colônia particu-

lar do Dr. Blumenau. Mas depois que um dos amigos morreu tragicamente nas águas do rio Itajaí o projeto foi arquivado e Odebrecht regressou à Alemanha para continuar seus estudos interrompidos. Obteve o diploma de engenheiro e cursou ainda a escola técnica de engenharia, diplomando-se igualmente.

Em 29 de dezembro de 1861, Odebrecht regressou a Blumenau, onde foi ocupado pela diretoria da colônia com várias explorações de valas e rios, divisão e medição de terras nas florestas em terras de colonização, assim como abertura e preparo de estradas.

Em 1865, Odebrecht ingressou como combatente voluntário contra o Paraguai e foi, após participar ativamente em várias lutas, promovido a tenente. Foi atacado pela febre e voltou a Blumenau em fins de 1866. Em janeiro de 1867 recebeu a incumbência de dividir e medir a área da nova colônia Príncipe D. Pedro (Brusque) para terrenos destinados à colonização. Alguns meses mais tarde foi destinado a explorar a região do alto Itajaí, demarcar a linha para uma estrada de comunicação entre Blumenau e Curitiba na região serrana e iniciar sua construção. No dia 29 de março de 1897 a pedido pessoal de Odebrecht, o mesmo foi aposentado.

A 5 de janeiro de 1912, Odebrecht faleceu com 79 anos inesperadamente de um infarto.

THEODOR KLEINE SÊNIOR

Nascido a 26 de fevereiro de 1820 em Racot, Posen, emigrou a 23 de dezembro de 1856 para Blumenau, onde chegou com esposa e dois filhos (Karl 7 anos e Theodor 6 anos). Foi empregado em junho de 1866 como secretário definitivo da direção da Colônia. Faleceu em fevereiro de 1882, pouco antes da dissolução da diretoria da Colônia e os funcionários serem dispensados.

REINHOLD FREYGANG

Nascido a 11 de novembro de 1812 em Freiburg perto de Unstrut; primeiro veio sozinho a Blumenau, após algum tempo de permanência na América do Norte, Argentina e Uruguai. Em 1867 veio a sua família, esposa e 4 crianças na idade de 6 a 18 anos. Primeiro foi professor em Rio do Testo e em março de 1868 foi empregado no escritório da direção colonial.

Em 21 de maio falecia Reinhold Freygang com 63 anos, deixando uma lacuna como fiel e concencioso funcionário da Colônia Blumenau por 56 anos.

ANÚNCIO DE 1897 SOBRE O FALECIMENTO DE FRITZ MÜLLER

Entre as centenas de documentos históricos que a Fundação "Casa Dr. Blumenau" recebeu dos arquivos da Baixa Saxônia, encontramos um anúncio publicado na imprensa alemã da cidade de Greifswald, no qual o irmão do cientista Fritz Müller, Prof. G.W. Müller comunicava o falecimento de seu irmão Dr. Fritz Müller, no Brasil, a 21 de maio de 1897. O texto em alemão é o seguinte:

"Am 21. Mai starb in Blumenau, Brasilien, mein theurer Bruder
DR. FRITZ MÜLLER
im Alter von 75 Jahren

Greifswald im Mai 1897.

Prof. G. W. Müller

Tradução:

"Em 21 de maio, faleceu em Blumenau, Brasil, meu caro irmão Dr. Fritz Müller, na idade de 75 anos. — Assinado: Prof. G. W. Müller, Greifswald, maio de 1897".

Em 1864 casara com uma filha do casal de imigrantes Bichel, vindos para Blumenau em 1857.

HEINRICH AVÉ-LALLEMANT

Nascido no ano de 1845 na Alemanha, veio para Blumenau em 1872, com 27 anos de idade. Até a emancipação da Colônia, isto é, até a dissolução da diretoria colonial, princípios de 1882, Avé-Lallemant foi funcionário da direção. Com a partida de Dr. Blumenau, este nomeou-o seu procurador geral. Em 1883, após a inauguração da Câmara, Avé-Lallemant esteve no cargo de procurador. Em abril de 1885, foi nomeado coletor estadual e em 1887 coletor do Governo Federal. Cumprindo ainda seu cargo, faleceu repentinamente a 31 de março de 1888.

Heinrich Avé-Lallemant era sobrinho do Dr. Robert Avé-Lallemant, que foi médico no Rio de Janeiro de 1848 até 1855. O mesmo tornou-se conhecido através de suas publicações sobre o Sul do Brasil o qual percorreu pessoalmente de 1855 até 1857.

(Conclui no próximo número)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA